

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOHANDESON NEVES GONÇALO

**CORPOS TRANS NOS ESPORTES DE LUTAS: UMA ANÁLISE
DO POSICIONAMENTO DE TÉCNICOS E ATLETAS**

JOÃO PESSOA - PB

2020

JOHANDESON NEVES GONÇALO

**CORPOS TRANS NOS ESPORTES DE LUTAS: UMA ANÁLISE
DO POSICIONAMENTO DE TÉCNICOS E ATLETAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Seminário de Monografia II, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba. Sob orientação do Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G635c Goncalo, Johandeson Neves.

Corpos Trans nos esportes de lutas: uma análise do
posicionamento de técnicos e atletas / Johandeson Neves
Goncalo. - João Pessoa, 2021.
52 f.

Orientação: Iraquitan de Oliveira Caminha.
TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Atletas trans. 2. Esportes. 3. Lutas. I. Caminha,
Araquitan de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 796 (043.2)

JOHANDESON NEVES GONÇALO

**CORPOS TRANS NOS ESPORTES DE LUTAS: UMA ANÁLISE DO
POSICIONAMENTO DE TÉCNICOS E ATLETAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina
Seminário de Monografia II, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no
Departamento de Educação Física da Universidade
Federal da Paraíba

Monografia aprovada em: 03/12/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Especialista DIEGO TRINDADE LOPES
Centro Universitário UNIESP
Membro



Prof. Dr. GILMÁRIO RICARTE BATISTA
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Membro

JOÃO PESSOA – PB

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à comunidade trans que, por muitos anos, foram e ainda são marginalizados, esquecidos e mortos. Obrigado por serem inspiração para todo aquele que busca a coragem de ser quem é. A vocês, minhas letras e meu amor.

AGRADECIMENTOS

Na tentativa de não ser negligente às inúmeras pessoas que passaram na minha vida e, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desse curso, tentarei deixar aqui a minha homenagem, pois elas serviram de impulso para que eu conseguisse obter o êxito de finalizar esta etapa.

Primeiramente, agradeço à DEUS. Estamos em uma época de pandemia e Ele, com toda infinita glória, concedeu-me a alegria de contemplar a vitória contra o COVID-19. O senhor sabe o amor em meu coração e a gratidão por ter colocado anjos na minha vida para cuidar e me proteger, entre eles, Daniel, que foi de fundamental importância para a minha saúde. Não tenho palavras para agradecer. Afinal, um dos motivos para eu respirar hoje, é ele.

Agradeço à minha família por ter sido fundamental na construção de meu conhecimento, possibilitando ferramentas, no decorrer de minha vida, as quais eu consigo utilizá-las até hoje. À minha mãe, Dona Natália, agradeço por todo amor incondicional que me ofertou, oferta e ofertará. Minha vida devo a ela e foi ela que me ensinou o verdadeiro sentido de amor. Ao meu pai, Eronildo, conhecido como Lula, que, com toda sua estética bruta, mas com o coração mais mole do mundo, ensinou a entender que todo amor não precisa ser exposto, que amamos de nossa forma, no silêncio e no barulho. Agradeço por ser essa rocha que me sustenta.

Aos meus professores que me ofertaram todo o conhecimento, no decorrer desses 4 anos, em especial agradeço ao professor Iraquitan de Oliveira Caminha, que com toda sua paciência e bondade me deu o ânimo quando eu pensei que não conseguiria dar mais um passo à frente. Não poderia esquecer de minha co-orientadora, Jéssica Leite Serrano, que, com todas as minhas angústias, conseguiu me guiar e me ajudar. Nunca vi tanta sabedoria e disponibilidade em ajudar. Sou muito grato pela confiança e pela possibilidade de poder caminhar nessa pesquisa, com discussões construtivas sobre algo tão polêmico e necessário.

Agradeço também a algumas pessoas que, mesmo não estando diretamente ligadas a essa caminhada, não poderia esquecer, pois foram elas que sempre estiveram comigo quando eu nem sabia que eu precisava de ajuda. São meu coração, minha alma, e meu discernimento. São elas que guardam e conservam o meu amor

fora de meu corpo: Lane, Amanda e Aias. Só tenho que ser grato por todos os momentos, amadurecimentos e evoluções (ou não) que me ajudaram a ter.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus companheiros de curso, aos meus amigos mais que especiais: Joane (Jojo), Kerol, Edvaldo (Ed), Ewerton (Gerinha) e Ianna. Pontuo o nome deles porque foram os sorrisos, as lágrimas, as brigas, os estresses e as brincadeiras que me motivaram a viver cada dia dessa experiência. Não tenho palavras para discernir o que sinto e todo amor que tenho por vocês. Obrigado pelo apoio e esperança quando tudo parecia ser escuridão!

*Se o mundo fosse livre
Poderíamos reinventá-lo
Seríamos então seres humanos
Melhor preparados
Menos frustrados
Mais amados*

(Virgínia Guitzel, 2020)

RESUMO

As questões de gênero e a presença de pessoas trans, no meio esportivo, vêm fomentando, efetivamente, não apenas, no contexto universitário, mas em diversos setores da sociedade, várias discussões com opiniões divergentes. A não-identificação com o sexo biológico, e a busca por se encontrar, esteticamente, em sua identidade de gênero são as características principais das pessoas transexuais. Por serem considerados uma prática de contato, violência e força física, os esportes de luta possuem, em sua participação, uma resistência maior à presença de atletas trans em seu contexto. Nessa perspectiva, considerando a possibilidade, cada vez mais, efetiva da presença de pessoas trans nas lutas profissionais, e na tentativa de inserção desse público na construção de um esporte mais democrático, este estudo busca analisar a percepção de atletas e técnicos com relação à participação de atletas trans nesses esportes. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e descritiva. Participaram do estudo seis (06) agentes sociais em áreas distintas e integradas, cis e trans, no campo voltado ao esporte de lutas. As pessoas entrevistadas foram submetidas a uma entrevista semiestruturada que foi analisada com base em elementos da análise de discurso proposta por Foucault. O resultado desse estudo foi compreender, através do discurso desses profissionais, e de exemplos atuais, a participação da pessoa trans nas lutas e suas especificidades, bem como o impacto dessa presença para os sujeitos sociais desse esporte.

Palavras-chaves: Atletas trans, Esportes, Lutas.

ABSTRACT

Gender issues and the presence of trans people in the sports arena have effectively fostered, not only in the university context, but in different sectors of society, several discussions with divergent opinions. Non-identification with biological sex, and the search to find themselves, aesthetically, in their gender identity are the main characteristics of transsexual people. Being considered a practice of contact, violence and physical strength, fighting sports have, in their participation, a greater resistance to the presence of trans athletes in their context. In this perspective, considering the increasingly effective possibility of the presence of trans people in professional struggles, and in an attempt to insert this public in the construction of a more democratic sport, this study seeks to analyze the perception of athletes and coaches regarding participation of trans athletes in these sports. This research is characterized as qualitative and descriptive. Six (06) social agents participated in the study in distinct and integrated areas, cis and trans, in the field focused on the sport of fights. The people interviewed were subjected to a semi-structured interview that was analyzed based on elements of the discourse analysis proposed by Foucault. The result of this study was to understand, through the discourse of these professionals, and current examples, the participation of the trans person in the struggles and their specificities, as well as the impact of this presence for the social subjects of this sport.

Keywords: Trans athletes; Sports; Fights.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivos.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Pessoas transexuais no esporte.....	14
2.2 Luta, esporte de combate e arte marcial.....	16
3 MÉTODOS.....	20
3.1 Caracterização da pesquisa.....	20
3.2 Participantes da pesquisa.....	20
3.3 Instrumentos para coleta de dados.....	20
3.4 Procedimentos para coleta de dados.....	20
3.5 Análise de dados.....	21
3.6 Aspectos éticos	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS	44
APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ATLETAS TRANSEXUAIS.....	48
APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ATLETAS CISGÊNEROS.....	49
APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA TÉCNICOS ESPORTIVOS.....	50
ANEXO A - CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	51

1. INTRODUÇÃO

A prática esportiva requer, entre muitos aspectos, muita disciplina e disposição por parte do atleta. No entanto, a visão que se tem do atleta, especialmente aqueles de alto rendimento, ainda é estereotipada e envolve padrões físicos e alto domínio da técnica do esporte escolhido. Tal visão é associada, inclusive, em relação ao gênero do atleta.

Recentemente, percebeu-se que houve uma mudança nesse padrão imposto, ao longo dos anos, com relação ao esporte de alto rendimento. A participação, em uma Olimpíada, de um atleta duplamente amputado; a visibilidade da 9ª edição dos Gay Games, em Cleveland, nos Estados Unidos; e a inserção de atletas trans no esporte de alto rendimento são exemplos dessa mudança de padrão e provocam o repensar do sistema de desporto atual (CAMARGO; KESSLER, 2017). No entanto, essa tarefa não é fácil, uma vez que, os estereótipos ganham força entre os fiéis defensores dos padrões antigos.

Os atletas de corpos trans são os que mais sofrem com essa resistência. Logo, a visão binária de gênero presente na sociedade se expande também para a prática esportiva, em que a concepção de esporte feminino e esporte masculino é compreendida pelo aspecto puramente físico.

Dessa forma, a transexualidade, ao longo da história, encontra inúmeros empecilhos ao tentar descobrir seu espaço no esporte de alto rendimento. Uma vez que, a ideia é a de que a pessoa trans não se adequa ao sexo biológico. Esses corpos presos contradizem a imposição social e cultural de sua vida, promove-se e se intensificam as interferências entre signos e matérias, de modo que, as regulações de beleza e de saúde influenciam diretamente na construção da composição corpórea, ao mesmo passo que essas mesmas regulações são conduzidas pelas experimentações de transformação. (ROCON; *et al*, 2017) Nessa perspectiva, a mulher trans é o indivíduo que biologicamente foi designado como masculino, porém, não se adequa a essa determinação, colocando-se no mundo como gênero oposto, feminino, podendo ser operado ou não operado (DIEGUEZ, 2016). Conquanto, os homens trans nasceram com o sexo biológico feminino, porém não se enxergam com o gênero atribuído pela sociedade, tem o sentimento de pertencimento ao gênero masculino. (BEZERRA *et al*, 2018)

Apesar de todas as barreiras estruturais, alguns passos importantes para a igualdade de gênero no esporte foram dados, recentemente. Observar historicamente os avanços dessa inclusão é perceber um crescimento lento, porém representa uma grande vitória. O Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2003, deliberou, após uma reunião com especialistas da área médica, o Consenso de Estocolmo que prevê parâmetros para atletas realizarem a cirurgia de mudança de sexo ou que estavam em tratamento hormonal, há pelo menos dois anos. O documento ainda prevê que atletas que realizaram sua transição antes da puberdade, poderiam participar dos Jogos Olímpicos no seu gênero de identificação (COI, 2003). Essas determinações sofreram, nos últimos anos, uma reviravolta, em seu documento. No ano de 2016, o COI tanto libera a obrigatoriedade de resignação de sexo, quanto o tempo mínimo de tratamento transicional (COI, 2016). Por esse ângulo, os avanços se tornam interessantes na medida em que não dizem respeito apenas aos fenótipos e genótipos, e tampouco a presença de uma genitália padrão.

Se dentro do esporte de alto rendimento os avanços ainda são lentos e encontram resistência, essa aceitação é menor em esportes individuais onde o contanto físico é determinante, e a força se torna algo muito mais relevante e decisivo (ELIAS; DUNNING, 1992). O extremo contato físico e a agressividade predominantes em esportes de luta levantam o questionamento quanto às possíveis vantagens da mulher trans nessa prática.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção de técnicos e atletas da área sobre a presença de pessoas trans nos esportes de luta, modalidades esportivas de combate, discutindo essas temáticas e sistematizando sobre a participação desses atletas nessa categoria esportiva discutida. Espera-se que, através desses profissionais, seja possível discutir as temáticas que envolvem o universo trans nas lutas. E dessa forma, encontrar pontos de vistas que contribuam para a construção de uma melhor compreensão sobre o assunto, por meio da sistematização das opiniões desses profissionais.

1.1 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é apresentar as discussões sobre as temáticas que envolvem o universo trans nas lutas. De maneira específica, encontrar pontos de

vistas que contribuam para a construção de uma melhor compreensão sobre o assunto e sistematizar das opiniões desses profissionais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Pessoas transexuais no esporte

Na atualidade, um dos maiores temas a serem discutidos sobre gênero e esporte é a presença de pessoas trans. Quando se pensa em sua terminologia, deve-se entender que a pessoa transexual pode ser compreendida como alguém que se sente “insatisfeita com algumas das suas condicionantes biológicas e busca alternativas para manter em equilíbrio entre o que deseja ser e o que é” (SERRANO; CAMINHA; GOMES, 2017; p. 1120). Dessa forma, “essa busca se estabelece em virtude da gramática normativa de gênero, que é fundada numa matriz binária heterossexual, tornada como pressuposto obrigatório/compulsório” (SERRANO, 2017). Onde as normatividades estão instituídas, do sexo ao gênero, da biologia à cultura.

Entretanto, o corpo foge do pensamento de que seja construído apenas por fatores biológicos e sociais. Ele é transformado e transformador da cultura, das tecnologias, dentro de uma dimensão linguística. O corpo não deve ser definido por padrões, mas como um território selvagem a ser explorado, onde o indivíduo tem total domínio de suas transformações, independente da vontade de outrem. Sendo livre para abraçar a forma como a sua *psique* o vê e se conforta na sua construção (CAMARGO; KESSLER, 2017). Esse desbravamento se constitui em uma manifestação de suas performatividades, em que é possível apresentar um posicionamento que está além dos limites das normatividades corporais e de gênero instituídas. Nesse aspecto, segundo Butler (2003, 2008), gênero não é uma “essência” ou “verdade psicológica” como há muito se pensou, mas uma prática discursiva e corporal performativa, por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.

A participação efetiva desses competidores, em eventos oficiais, vem encontrando resistência dentro e fora das quadras. O principal desafio ainda é o preconceito, especialmente, entre os divergentes convictos que se apegam às questões fisiológicas para justificar o seu antagonismo. Conforme explicitado pelo trabalho de Ann Travers e Jillian Derri (2010), as críticas à participação de pessoas trans em competições esportivas se baseiam nos discursos morfológicos e endocrinológicos das vantagens injustas. Ou seja, entende-se que as mulheres trans

possuem uma força muscular superior à das mulheres cis gêneros. Essa força se daria em decorrência da formação corporal influenciada pelos hormônios produzidos durante a puberdade, pelas mulheres transsexuais (TRAVERS; DERRI, 2010).

Além disso, as atletas transgêneros se beneficiariam por conta de “níveis mais altos de testosterona; proporção músculo-gordura corporal maior; maiores capacidades circulatórias e respiratórias; e da tendência à maior aptidão motora” (CAVANAGH; *et al*, 2006, p.8). No entanto, Cavanagh (2006) argumenta que o próprio tratamento hormonal das mulheres trans é um fator que limita essas às chamadas “vantagens”. O uso de altas doses de estrogênio – hormônio feminino –, na transição de gênero, acarreta em uma diminuição da força muscular, como ocorreu com a ciclista canadense Michelle Dumaresq, que afirma ter perdido 20 quilos e ter níveis de testosterona iguais aos das mulheres cis.

Ainda sobre a transição corporal e os efeitos dos hormônios no corpo de uma atleta trans, Joanna Harper (2005) destaca que, devido aos bloqueadores de testosterona, além do suplemento de estrogênio, o corpo das mulheres trans perdem massa muscular, densidade óssea e glóbulos vermelhos no sangue. Em contrapartida, ganham maior capacidade de armazenamento de gordura. Com isso, acarreta a perda de velocidade, força e resistência. Harper ainda afirma que todos os atletas de sucesso possuem vantagens sobre aqueles menos bem-sucedidos. A autora desafia, “pergunte a qualquer um [jogador de basquete] que teve que marcar LeBron James”. (HARPER, 2015).

Como dito anteriormente, o termo transexual é designado às pessoas que possuem incongruência entre suas características físicas de sexo (gênero atribuído) e sua identidade de gênero. Dessa forma o indivíduo, geralmente, procura encontrar-se fisicamente o mais próximo do sexo ao qual se identifica, necessitando de diversos especialistas para atingir o objetivo desejado, começando por um profissional de saúde mental e, posteriormente, ao endocrinologista (DIAS, 2012).

Para que esse fenômeno de inclusão acontecesse, uma das exigências do COI para a participação de pessoas trans nas olimpíadas é o constante controle hormonal dos atletas, principalmente, das mulheres trans. Entretanto, as restrições, em relação à testosterona, tornam-se barreiras para que essas mulheres estejam aptas à competição sem o devido acompanhamento profissional. Esse tratamento promove dentro da pessoa trans modificações internas e externas, possibilitando uma

aproximação das características desejadas, afetando diretamente na sua percepção do corpo e sua compleição física.

O tratamento é baseado em medicação hormonais e não hormonais com o objetivo de inibir parcial ou totalmente o eixo gonadal do paciente, diminuindo as características secundárias do sexo biológico e, conseqüentemente, aumentar suas características sexuais secundárias do sexo desejado (RUIZ; SWANSON; ROMANOS, 2019). A terapia hormonal (TH) consiste na inserção de testosterona para homens trans, e para mulheres trans uma combinação de estrogênio e antiandrogênios (PICANÇO, 2018). Enquanto a testosterona irá trazer aspectos masculinos como: crescimento dos pelos faciais e corporais, aumento da massa muscular e fim dos ciclos menstruais (PICANÇO, 2018). O estrogênio e os antiandrogênios irão promover para a mulher trans: desenvolvimento mamário, a distribuição feminina da gordura corporal, redução do crescimento dos pelos faciais e corporais, além de determinar a suavização da textura da pele e redução de sua oleosidade (GIESTAS, e PALMA, 2012).

Esse tratamento farmacológico tem eficiência efetiva, porém podem ocorrer alterações biológicas sistêmicas não intencionais, tais como: aumento do risco cardiovascular, osteoporose na coluna lombar e braço distal, tromboembolismo venoso, fraturas, doença cardiovascular, acidente vascular cerebral e câncer dependente de hormônio, alterações osteoporóticas na massa óssea, densidade e geometria (RUIZ; SWANSON; ROMANOS, 2019). Verifica-se uma redistribuição da gordura corporal, aumentando a concentração subcutânea e diminuição da massa magra e gordura visceral (DIAS, 2012).

2.2 Luta, esporte de combate e arte marcial

Esses três termos, lutas, artes marciais e esportes de combate, representam um universo multifacetado, que é envolto por múltiplos significados e contextos plurais (RUFINO, 2011). Quando pensamos em um consenso quanto à melhor nomenclatura entre as três e/ou a mais abrangente, não existe uma uniformidade nesse aspecto. Rufino e Darido (2009) afirmam que o consenso desse questionamento é amplamente discutido e que, talvez, seja inexistente uma definição ideal. Porém, independente da terminologia adotada, sabe-se que as três são práticas inerentes ao domínio da cultura corporal, ou seja, estão diretamente ligadas à relação com a cultura

e a história da humanidade (RUFINO; DARIDO, 2011). Por fim, em outro estudo, Ferreira, Lise e Capraro (2016, p. 15) afirmam:

(...) as artes marciais tradicionais, em especial aquelas de origem oriental (Índia, Japão, China, Tailândia etc.) possuíam tanto na sua etimologia quanto em sua prática um caráter beligerante ou religioso, no qual a intenção era matar ou inutilizar seu adversário (inimigo), afastando-se assim da lógica esportiva moderna. Neste sentido, consideram-se esporte de combate o judô, o jiu-jitsu, o karatê, o taekwondo e o kung-fu, entre outros. Tais práticas há muito tempo perderam seu caráter marcial (alusivo à guerra e à morte) e se esportivizaram a partir de um processo de ocidentalização, cujas principais adaptações foram: as regulamentações escritas, o controle dos níveis de contato e violência permitidos em tais disputas e as condições de igualdade entre os oponentes (divisão por categorias de peso, faixas etc.), entre outras.

Dessa forma, este trabalho irá adotar a percepção Trusz e Nunes (2007) de que trata os termos lutas e artes marciais como sinônimos, afirmando que, além de um conjunto de técnicas, as lutas trazem também a cultura do seu país de origem, sendo não só uma modalidade esportiva, mas também uma manifestação cultural.

A Luta sempre esteve presente na história da humanidade. Desde a primitividade, essa prática física é inerente ao indivíduo, sendo uma manifestação corporal que acompanha o homem em diversas civilizações e nas diferentes épocas, emanada pela necessidade do ser humano em proteger o seu próprio corpo, seja para defender de um ataque de fera ou inimigo, ou de ataque, como a caça ou o combate na guerra. (REID; CROUCHER, 2003). No Ocidente, os primeiros confrontos atléticos envolvendo ações de combates, que se aproximam das atuais Modalidades Esportivas de Combate, MEC, ocorreram na Grécia Antiga (POLIAKOFF, 1987). Porém, essa modalidade só passou a ser vista como esporte no final do século XI, principalmente com as disputas de boxe nas terras inglesas, e ganharam força com a inserção nos Jogos Olímpicos (FRANCHINI; *et al*, 2007).

Devido ao caráter agressivo impregnado nessa prática, as lutas foram, historicamente, definidas como território de reserva masculina, sua presença não reforça o pressuposto da feminilidade exigida pela sociedade, enquanto que, para homens, a violência e a força física, oriundas das lutas, ressaltariam sua masculinidade (ELIAS; DUNNING, 1992). Entretanto, mesmo sendo uma atividade ligada diretamente à masculinidade, as mulheres conquistaram espaço nessa prática,

principalmente apoiadas no pensamento feminista e às representações de feminilidade, quebrando o estereótipo de que a luta masculinizava a mulher (BERTÉ, 2016).

Com o avançar dos tempos a mulher foi conquistando cada vez mais o seu espaço nesse esporte, tendo algumas apoderando-se de grande notoriedade, principalmente na maior franquia de MMA do mundo, o UFC (ROCHA, *et al*, 2018). No entanto, essa “abertura” nesse mundo não o torna completamente receptivo às mulheres. De fato, foi perceptível uma evolução ao longo dos últimos anos para essas lutadoras. Entretanto, a realidade delas está longe de ser a ideal, principalmente quando comparada aos homens.

Como dito anteriormente, o MMA vem se tornando a modalidade que mais cresce, no mundo todo, principalmente pela movimentação das mídias sociais. Porém a imagem das mulheres que praticam a modalidade ainda é associada à sexualidade, sendo consideradas lésbicas, ou masculinizadas (FERRETTI, 2007). A presença da figura feminina no ambiente do octógono incomoda apenas quando essa é atleta, pois a mulher expectadora, ou a mulher que desfila entre os rounds são bem aceitas, visto que assumem uma postura de subordinação em relação aos atletas e mantém a falácia heteronormativa do ambiente (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008). Essas atletas “abrem mão” de demonstrar sentimentos e comportamentos que poderiam ser vistos como femininos, afim de serem incorporadas e aceitas ao grupo de atletas, largando mão de suas características pessoais, para serem inseridas no meio, e fugirem do preconceito no local de treinamento (FERNANDES; MOURÃO; GOELLNER; GRESPAN, 2015).

O ano de 2013 foi um marco para as lutas femininas. Nesse ano, dois grandes acontecimentos movimentaram o panorama do MMA: a primeira luta oficial feminina realizada pelo UFC; e o confronto entre a atleta transexual Fallon Fox e Allanna Jones, mulher cis, pelo Championship Fighting Alliance (GRESPAN E; GOELLNER, 2014). Se o primeiro movimentou grandes questionamentos sobre a presença da mulher em um ambiente tão marcado pelo patriarcado; o segundo, por sua vez, desencadeou uma série de reações diversas, principalmente, pela presença de um corpo *queer* (GRESPAN; GOELLNER, 2014).

A presença do corpo trans nas lutas tencionam para uma nova perspectiva sobre a ordem binária do sexo, propondo, em sua interferência, uma ruptura dos discursos historicamente (re)produzidos. Nessa ação, os efeitos normalizam os

corpos, seus gêneros e suas sexualidades, e coloca em conflito o que o conhecimento médico nomeia como normal. É justamente por tais motivos que a presença *queer* e sua vinculação ao campo dos esportes de combate podem mediar uma dilatação dos horizontes sobre os limites do corpo, sua pluralidade e ambivalência. (GRESPLAN E GOELLNER, 2014).

3. MÉTODOS

3.1 Caracterização do estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, uma vez que, possibilita maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios sujeitos (MINAYO, 1993). Na pesquisa descritiva, a observação, o registro, a análise, a classificação e a interpretação são realizadas sem serem perturbadas pelos pesquisadores. Portanto, os fenômenos do mundo físico e humano foram estudados, mas os pesquisadores não os manipularam (ANDRADE, 2009).

3.2 Participantes da pesquisa

Foram entrevistados seis (06) pessoas ligadas diretamente aos esportes de combate, entre eles: dois (02) técnicos, três (03) atletas cis gêneros e um (01) atleta trans. Todos envolvidos diretamente na prática em questão.

3.3 Instrumentos para a coleta de dados

Foi utilizado como instrumento para coleta de dados uma entrevista do tipo semiestruturada. Esse tipo de coleta é caracterizado pela presença de questionamentos básicos que têm como arcabouços as teorias e hipóteses que se pautam ao tema da pesquisa, construindo um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões que se originarão no decorrer das circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 1990/1991).

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Os participantes que correspondem ao perfil da pesquisa foram selecionados pela amostragem em bola de neve, ou cadeia de referências. Nesse sistema, não se utiliza apenas de uma referência, mas sim de uma rede de amizades ou de membros existentes na amostra (BERNARD, 2005). Em suma, a amostra da bola de neve aparece como um processo permanente de coleta de informações, onde o pesquisador entrará em contato com o primeiro entrevistado e o mesmo indicará os

demais, dentro da necessidade da pesquisa, aproveitando-se das vantagens das redes sociais fornecidas pelos entrevistados, respeitando o processo de saturação.

O tamanho da amostra foi determinado pelo critério de saturação – quando as falas em torno das questões se repetem, e cada nova participação não se acrescentam novos elementos substanciais às respostas, em torno do questionário semiestruturado (FONTANELLA, *et al.*, 2011).

Em caso de aceitação, foi organizada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foi explicado que os mesmos, a qualquer momento, poderiam desistir da coleta.

Após a autorização do CEP (Conselho de Ética em Pesquisa), as entrevistas foram iniciadas e, na tentativa de melhor se adequar ao horário e disponibilidade dos participantes, foram agendados o local e tempo convenientes aos profissionais.

O *corpus* analítico é composto por uma entrevista semiestruturada, que parte de perguntas previamente definidas, a partir do objetivo da pesquisa, mas que possibilita a realização de novas perguntas, conforme a demanda do campo.

3.5 Análise dos dados

Utilizamos como metodologia para análise dos dados elementos da análise do discurso proposta por Foucault (2012). Em seu método o discurso não se pode ser visto apenas como um conjunto de signos, mas de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão "vivas" nele (FISCHER, 2001). Nesta perspectiva, as palavras e as coisas se relacionam de maneira complexa, porque essa relação é histórica, está repleta de construções e interpretações, e transcorrida por relações de poder que o próprio discurso põe em funcionamento.

O processo de análise terá como base as normas estabelecidas por Foucault (2008) e seguirá as seguintes etapas: registro das entrevistas; foco na leitura dos discursos; separação dos elementos norteadores da análise – esclarecimento da regularidade e separação declarativa (as palavras se dissipam da hegemonia e subvertem a ordem); e comparação entre os dois pontos de vista e discussão com base na literatura científica.

3.6 Aspectos éticos

O presente trabalho faz parte do projeto guarda-chuva intitulado “Aspectos biológicos e socioculturais: uma análise das justificativas para (des)legitimação de pessoas transexuais em competições esportivas”, que foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba sob o CAAE:29725620.0.0000.5188.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas, sistematizados a partir de pontos principais surgidos nas perguntas cardinais desta pesquisa. Nesse sentido, buscamos diagnosticar, na perspectiva dos agentes, a visão, os desafios e melhor inserção da população trans aos esportes de luta. Através destas falas, legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas.

A partir das entrevistas, identificamos três (03) pontos principais levantados no diálogo: (I) A competição antes e depois da transição; (II) Interfaces da participação de pessoas trans nos esportes de luta; (III) e Inclusão e estratégias de uma participação “justa”.

I. A competição antes e depois da transição

O único participante trans desta pesquisa falou sobre sua experiência antes e pós transição hormonal. O atleta relata que já praticava o Jiu-jitsu antes, até mesmo, de se identificar como homem trans. Lutou alguns anos na categoria feminina e nela, conseguiu arrematar algumas vitórias, chegando a ser destaque na região em que morava.

No feminino, eu passei mais tempo, porque eu comecei e ainda não tinha feito a transição. [...] Então eu sabia que se eu fizesse a transição eu não iria mais conseguir lutar no feminino, e nem queria, né isso?! Mas eu ia perder uma coisa que era bom, que eu consegui ganhar bastante, ganhava bastante medalha. (Atleta trans)

Para ele, esse processo de se enxergar como pessoa trans tornou-se, à princípio, um divisor de águas como competidor. Teve início o rompimento de vínculos com o esporte na sua prática como sexo biológico, e passou para a inserção na sua prática como gênero social. A construção e aceitação de ser uma pessoa trans é algo muito mais que biológico. É uma construção social constante, influenciada por fatores históricos, políticos e culturais. Segundo Foucault (2005,) na história da humanidade, um dos aparatos que demonstra uma relação de poder é a sexualidade. Nela, busca-se um controle do corpo pela produção da subjetividade que acontece no campo do

imaginário. Para ele, a criação da sexualidade satisfaz a normatização do corpo através de regras pré-estabelecidas pela sociedade, em cada momento histórico.

O processo de transexualização é sentido como necessário pelo entrevistado, mesmo que, com a realização dessa intervenção, muito mais psicológica que física, os resultados de sua prática desportiva fossem alterados. Ele afirma: “No feminino, então eu estava muito bem, e com essa transição tudo que eu tinha conquistado no feminino tinha ficado, mas não ia ter, ia ser outra coisa, masculino já é outra coisa completamente diferente”. Percebe-se que praticar seu esporte na categoria que se vê socialmente é muito mais importante que obter bons resultados em uma posição que não é aquela com a qual se identifica. Ao se impor e se colocar no esporte, competindo como gênero social, o atleta trans acaba por fissurar a estrutura de classes que fomentam o sexismo, responsáveis pela preservação da ordem social estabelecida pelo pensamento patriarcal de gênero, além de criar novas formas (SANTOS; MARTINELLI, 2019).

Quando questionado sobre a sua experiência como lutador masculino, o mesmo fala sobre as dificuldades enfrentadas, mas não evidenciando algum déficit físico, pelo contrário, na questão física, o mesmo afirma que não havia uma disparidade com os demais atletas. O problema enfrentado pelo mesmo foi de cunho psicológico.

A diferença é mais psicológica, porque eu sabia tudo no feminino, eu sabia o jogo de todas as meninas. [...] a mudança foi mais essa porque eu não sabia o jogo dos meninos. Era uma coisa completamente nova para mim [...] eu fiquei muito preocupado, que era uma experiência nova e tal. Eu não consegui lutar mesmo do jeito que eu lutava normal.
(Atleta trans)

A relação com o corpo próprio é sempre de natureza singular, mas no esporte de combate é algo evidenciado, pois o contato físico é inerente à prática. Na luta praticada pelo entrevistado, o jiu-jitsu, existe uma subcategoria intitulada “no-gi”, expressão em inglês para designar o Jiu-Jitsu “sem kimono”, que foi a praticada no campeonato pelo atleta em questão. Essa prática promoveu uma exposição dos seios do mesmo antes da cirurgia mastectômica (retirada dos seios cirurgicamente). Em relação a essa experiência, o mesmo afirmou:

Ainda demorou um tempo [...] para poder ter coragem de chegar lá e lutar, tipo sem camisa. Eu ainda tenho peito, tá ligado? No banco eu colocava uma fita e eu fui lá e lutei. [...] Então podia lutar normal, só

que tem que lutar sem camisa também, mesmo assim eu lutei sem camisa e normal. (Atleta trans)

Em termos simbólicos, os seios para o homem trans são um resquício de um sexo não desejado, uma lembrança constante de algo “errado” no seu corpo. Expor essa fragilidade e lutar sem camisa, em um estádio lotado, foi uma demonstração de sentimento de pertencimento do atleta, que expôs sua vulnerabilidade, a fim de poder praticar o esporte e ser visto como homem, independente de seus seios. De acordo com Arán, Murta, Lionço (2009), estando a transexualidade ligada diretamente a uma matriz binária, reguladora da sexualidade e do gênero, as expressões que fogem da norma são consideradas como algo que deve ser corrigido.

O estranhamento do corpo é algo normal e pessoal, e foi algo que o atleta venceu pela necessidade pessoal de competir. Foi questionado ao esportista a respeito da recepção por parte dos demais atletas. Se houve alguma objeção ou repúdio quanto ao fato de ele ser um homem trans. O atleta respondeu: “Não. Não tive nenhum problema na equipe, nos colegas, não. Tudo normal. O problema era comigo mesmo”. Confirmando a perspectiva de que o psicológico afetava mais a esportista do que a percepção dos outros. Foi levantado também sobre a recepção do público, se houve alguma manifestação. Ele continuou: “Mas o público da competição não notou. O público nem percebe. Acho que essas questões são mais minhas, tá ligado?”

Diante desse panorama, foi questionado se essa mudança de deixar de lutar pelo sexo biológico e lutar segundo sua identidade gênero foi uma escolha pessoal ou da comissão do campeonato. O mesmo relata:

Pessoal, pessoal. Porque se eu não fizesse essa troca eu estaria até hoje lutando como uma menina e as pessoas me vendo como uma menina, você está entendendo isso? Mais ou menos isso. A troca feita foi pessoal, porque era uma escolha que eu tinha que fazer. Se eu transiciono hoje, que eu sou conhecido como Gabriel e tal, mudei nome e tudo, aí eu não tenho como lutar com as meninas mais, e nem dava como. Então foi uma troca, uma decisão minha e de mais que eu não tinha outra coisa pra decidir. Ou eu continuava como uma menina, que é uma coisa que eu não sou e que eu nunca fui, ou eu fazia a minha transição e a consequência disso era que eu não ia mais poder lutar com as meninas e nem eu queria lutar com as meninas mais. Mas eu tive que abrir mão de uma coisa pra que poder seguir o meu caminho de outra forma.

Segundo o relato, a sua identificação como homem trans se deu após muitos anos de angústia e insuficiência, até mesmo conceitual, para determinar a própria experiência. Com essa auto identificação, lutar com as mulheres seria um retrocesso, porque não é como mulher que ele deseja ser visto e nem se reconhece como tal. Barboza (2012) corrobora nessa perspectiva, apresentando uma reflexão sobre a importância de ser reconhecido como o seu gênero social, e afirma que o transexual “sente e afirma ser do sexo contrário ao que lhe foi atribuído ao nascer, vive o gênero correspondente a esse sexo e deseja obter o reconhecimento dessa identidade, independentemente de modificação de sua genitália e da orientação sexual que adota” (BARBOZA, 2012, p. 01).

O “se identificar” vem acompanhado também dos muitos processos de “se assegurar” como homem. Foi lutando contra os seus que o atleta se firmou, não apenas para os outros, mas para si.

Por que, por exemplo, no meu caso, eu sempre lutei. Se agora eles me colocarem pra lutar no feminino, eu vou ganhar das meninas, tá ligado? Porque eu tenho mais força do que elas. Não teria como, iria ser uma desvantagem. Mesmo assim, estaria ferindo o meu gênero. Eu não sou uma menina pra lutar com as meninas, então eu teria que lutar com os meninos que é de acordo com o gênero que eu me identifico. (atleta trans)

Essas reflexões são provenientes da experiência do atleta nas fases pré e pós transição. Elas ressaltam que, muito mais que competir, estar e lutar na sua categoria é um processo de alto afirmação, na qual a visibilidade promovida figura como um espaço de aproximação entre a pessoa trans e o esporte de luta.

II. Interfaces da participação de pessoas trans nos esportes de luta

A questão de identidade de gênero no esporte tomou uma proporção muito grande diante da visibilidade atual dessa comunidade. Todavia, as pessoas transexuais no esporte não são bem vistas, principalmente as mulheres transexuais. Dos Anjos e Goellner (2017) consideram que o esporte é um espaço caracterizado pela exclusão das pessoas divergentes dos padrões e parâmetros estipulados pelas categorias. (DOS ANJOS; GOELLNER, 2017)

Diante das discussões que se travam a respeito dessa inserção, foi levantado aos entrevistados a opinião sobre a participação desses atletas nas competições, segundo a sua identidade de gênero. Alguns debates e alternativas controversas têm aparecido, buscando a resistência e a autonomia das pessoas trans:

Eu acho que é totalmente válido, inclusive, é muito importante porque isso é questão de inclusão social mesmo. Porém acredito que, para a inclusão dessas pessoas nos esportes de acordo com a identidade de gênero, tem que haver juntamente com certa comprovação científica de que não haverá injustiça pra ninguém (Técnico 2)

Se você nasceu homem então se você futuramente se transformar em trans, em uma mulher, né, no caso a gente fala mulher trans é um homem no caso né? A minha opinião é que ele participe da competição como homem, entendeu? Por quê? Por causa da força de um homem que é diferente da força de uma mulher. Então eu acho que seria assim um pouco injusto de uma trans mulher participar na categoria feminina, entendeu? (Técnico 1)

Olhe! zero impedimento. Pelo contrário! Eu acho até uma barra pra se quebrar, né? Porque existe esse preconceito e eu sou zero preconceito. Eu acho até importante a inclusão, né? (Atleta 2)

Rapaz, a minha opinião é um pouco controversa, tá? Até porque eu acredito que seria desvantagem em um ponto de vista e desvantagem de outro ponto de vista. (Atleta 3)

Eu acredito que cada pessoa tem o direito de ser vista pela sociedade da forma que ela quer ser vista. Sendo que, em se tratando de competição, em se tratando de esporte a nível competitivo, eu defendo que as pessoas, né? Os indivíduos transexuais não devem competir com a mesma classe que eles gostariam de competir. (Atleta 1)

Dentre os cinco sujeitos cis gêneros entrevistados, três (03) concordavam com a participação de atletas trans de acordo com sua identidade gênero, e dois (02) discordavam, achando que deveriam competir segundo seu sexo biológico. A principal defesa de quem nega essa participação é o argumento biofisiológico. Argumentam, principalmente, da influência do hormônio testosterona antes do processo de transição, implicando em um melhor desempenho atlético. Não podemos deixar de discorrer que essa preocupação é persistente até no discurso de quem concorda com a inserção.

Eu sou a favor que isso seja muito bem mensurado porque todo mundo treina muito para a competição, principalmente os níveis mais altos. Então eu acho que isso tem que ser bem cuidado, bem estruturado. É... ter todo um protocolo pra que todo mundo fique no mesmo padrão

e não haver esse tipo de problema. Mas eu acho que é muito importante haver inclusão mesmo assim. (Treinador 2)

Mesmo concordando com a participação dos atletas, o treinador 2 deixa claro a sua preocupação quanto a uma luta justa, preocupando-se com que todos os competidores, cis e trans, tenham as mesmas chances sem sofrer algum privilégio hormonal. Paralelo a essa preocupação, um estudo realizado em 2015, intitulado “Race Times for Transgender Athletes”, de Joanna Harper, realizado com oito corredoras transexuais de longa distância (5Km, 10Km, Meia Maratona – 21,1km, e Maratona - 42,195km), comprovou que após o período de tratamento hormonal os atletas obtiveram uma redução da velocidade, perda de massa muscular e outras habilidades físicas. Esse estudo rebate a preocupação de alguns entrevistados quanto à disparidade física e hormonal de um atleta trans, no caso mulher trans, quanto à uma mulher cis.

Interessante como a preocupação se concentra apenas na participação de mulheres trans. Porque, talvez, sejam elas as que mais fogem das normativas instituídas cultural e historicamente. É excluído do discurso inicial uma preocupação pelos homens trans, o que motivou em sequência, um levantamento aos entrevistados se os pensamentos deles abraçavam também a esses indivíduos e se os mesmos também teriam alguma vantagem.

Não porque ele inverte, né? A mulher trans vai ter uma vantagem e o homem trans, ele vai ter uma desvantagem, entende? Pela parte hormonal, acredito que sim. (Atleta 3)

A narrativa das entrevistas representa um desejo de manter uma disputa “justa” apenas pensando na mulher cis, porém, se continuarmos na linha biofisiológica, essa preocupação não é levada quanto à uma possível “inferioridade” de homens trans enfrentando homem cis. Essas possibilidades nos remetem a uma interpretação de que não é o medo ou a ignorância que restringem esses pensamentos, mas a dissonância de ter corpos que não são considerados adequadamente “masculinos” ou “femininos”. Um dos aspectos mais cruciais da construção social de corpos em gêneros é a ideia de que as mulheres e os homens podem ser prontamente diferenciados fisicamente, bem como ter corpos que resistem a esse sistema hetero normativo dicotômico representa uma renúncia a esses

conceitos, principalmente a necessidade inerente de uma pessoa trans estar em constante confirmação social de seu gênero. (VARTABEDIAN, 2008)

Ao se apossar do tatame e praticar um esporte de luta, a pessoa trans passa por dois processos distintos, devido à natureza machista do mesmo: o homem trans afirma seu gênero, a mulher trans abdica de sua feminilidade. Esse processo acontece, segundo Oliveira (*et al*, 2018), devido à natureza machista da comunidade deste desporto. Em seu estudo, embora fora do universo transexual, o autor fala da presença da feminilidade nos esportes de luta e como isso é questionado pelos agentes masculinos, pois para os mesmos, seria uma agressão ao desejo de manter a mulher como algo feminino e frágil, propagando uma ideia totalmente sexista e ultrapassada. Já para o homem, os machucados e cicatrizes podem conotar diversas representações, inclusive as de bravura e de heroísmo.

Como por exemplo, as mulheres no esporte de luta, a gente luta por um espaço porque normalmente também é vista com preconceito. Eu, por exemplo, às vezes “mulher macho”, entendeu? Essas coisas. Eu sofro desse tipo de preconceito, às vezes. (Atleta 2)

Conforme podemos observar no relato da atleta, o machismo e o sexismo é algo presente em todo seu histórico como praticante. Se ela, uma mulher cis gênero, sofre de tal perturbação, a presença de uma mulher trans motivaria, mesmo que indiretamente, um preconceito se não exposto, mas velado por comentários indiscretos. Os relatos extraídos da entrevista demonstram a preocupação quanto a esse processo.

Se o público tá preparado? Cara, eu acho que não, acho que não. Sendo bem sincero eu acho que o público não tá preparado, entendeu? Eu acho que o público não tá preparado, assim como, sei lá quando isso começou, né? O planeta também não estava preparado pra essa inversão. (Atleta 1)

Eu acho que rola muito preconceito ainda. Eu acho que a galera. em si, ia tentar, na frente, ser uma pessoa e por trás ia ser outra. Sabe? A famosa por trás. Tipo, ia manter o respeito, porque hoje em dia se pede muito, né? (Atleta 2)

Comentários, xingamentos e piadas nessa perspectiva apontam para a direção de uma negativa aos direitos, acesso e estabilidade no esporte e na categoria, de acordo com a identidade de gênero. Substanciando a percepção de que a existência desse discurso é um ato transfóbico. Todavia, caminhando em direção

contrária ao narrado pelos demais, temos o testemunho do atleta trans que relata que, em sua participação, não houve nenhuma manifestação negativa do público e nem dos atletas. Talvez essa falsa empatia ou apatia, pode ter-se dado apenas pelo não percebimento do atleta como trans, já que o mesmo afirmou que “o público da competição notou não”. Mesmo utilizando um adesivo para cobrir os seios, como relatado anteriormente, a sua participação passou despercebida quanto ao seu gênero social.

Ainda envoltos pelas competições e a real presença do corpo trans nesse universo, foi questionado aos atletas se eles se importariam em ter um companheiro e/ou um adversário trans em sua equipe, e no que discerne aos técnicos se eles gostariam de ter e de treinar alguém desse público. Quanto à ter um atleta em sua equipe, nenhum dos entrevistados demonstrou recusa, demonstrando interesse e curiosidade com a demanda. Os técnicos também foram bem solícitos, demonstrando entender a importância de ter atletas desse universo para a construção não só de uma equipe democrática, mas por possibilitar uma prática universal.

[...] por mim, eu gostaria sim, é sempre uma experiência nova. Você vai aprendendo muito a lidar com essas questões sociais, né? Isso é importante pra qualquer pessoa que tá se propondo a ensinar, educar, né? (Técnico 2)

Gostaria, gostaria. Por que eu gostaria? Pra quebrar esse, não sei se é medo, se é alguma restrição, alguma coisa assim. Por quê? Porque se eu tendo um aluno trans vai abrir um leque de oportunidades pra outros alunos trans querer participar da minha aula, entendeu? Porque tem muitas pessoas que são trans, ficam com medo, ficam acanhadas, ficam com vergonha de participar da aula. Por quê? Porque na aula não tem trans, então se tiver um aluno trans, eu acho que vai, eu vou atrair mais esse público. (Técnico 1)

Outra forma de negação da identidade de gênero das pessoas trans, nas práticas esportivas, refere-se aos impedimentos de valer-se do vestiário conforme sua identidade de gênero. Essa questão se apresenta como barreira à permanência de pessoas trans nas atividades físicas por se sentirem constantemente compelidas, isto é, enquanto mulheres são coagidas a usarem vestimentas e banheiro masculinos, os homens, femininos. Sobre esse questionamento um dos técnicos afirma:

Lá não, porque lá não tem divisão de banheiro (risos). Só tem um, mas eu sei que haveria sim uma resistência, principalmente do lado masculino, né? Se fosse, no caso, um homem trans, por exemplo, eu tenho certeza que haveria uma resistência, teria que ter uma adaptação, muita conversa, né? Mas a vida é assim, é feita disso. Todo mundo teria que aceitar e entender, compreender, principalmente os professores, que teriam que haver muito tato pra lidar mais com outros alunos do que com o próprio aluno trans, né? Porque tem muita gente com muito preconceito e isso aí você tem que ir combatendo mesmo aos pouquinhos. (Técnico 2)

A contínua insistência de uma parte de sociedade em utilização do banheiro, de acordo com o sexo biológico e não o social, é uma forma de tentar controlar os corpos divergentes e podar essa liberdade recente. Essa dialética entre corpos e banheiros é uma demonstração de autoafirmação, por isso a necessidade de que algo tão básico seja ofertado de forma inclusiva. Ana Cristina Santos (2003) afirma:

Os sistemas de desigualdade e exclusão em que nos enredamos quotidianamente resultam de complexas teias de poder, pelas quais grupos hegemônicos constroem e impõem linguagens, ideologias e crenças que implicam a rejeição, a marginalização ou o silenciamento de tudo o que se lhes opunha. Este é um processo histórico de hierarquização, segundo o qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, cria o interdito e o rejeita, definindo uma fronteira além da qual tudo é transgressão (Santos *apud* Santos, 2003, p. 339).

A vivência e o respeito às identidades trans gêneros precisam ocorrer de maneira integral. O respeito ao nome social é um primeiro passo, mas por si só não é suficiente, por isso a importância em validar e respeitar esse gênero em todos os âmbitos, inclusive a necessidade em utilização do banheiro e do vestiário conforme o gênero com o qual se identificam.

III. Inclusão e estratégias de uma participação “justa”

Após os entrevistados apresentarem os elementos que consideravam sobre a inserção dos corpos trans nos esportes de lutas, as barreiras, problemas e considerações pessoais, eles foram questionados sobre as estratégias que, eventualmente, devem ser adotadas para que as competições se tornem mais justas:

Como esses corpos devem ser inseridos? Em que categoria eles devem lutar? Como absorver e manter a prática equilibrada em alto nível?

É unanime, entre os entrevistados, a aceitação quanto à participação das pessoas trans em competições. Entretanto, os mesmos divergem quanto à forma como deve ser realizada essa participação. Mesmo com receios e o desejo de mais estudos sobre o tema, a maioria concorda com a inserção de atletas trans segundo a sua identidade de gênero, pois acham que só assim os atletas não seriam excluídos dos esportes e se sentiriam acolhidos na prática que amam.

Atualmente, eu acredito que elas devem participar simplesmente onde se sentem onde sua identidade de gênero está encaixada. Identidade de gênero, identidade mesmo, nacional, porque muitas mudam o nome e tal, muitas. (Técnico 2)

[...] ela tem que se sentir confortável no meio da mulher, entendeu? Então, ela luta por aquilo que ela quer se sentir, ela quer se tornar. Porque pra muita gente rola preconceito. Eu particularmente lutaria, aceitaria até se fosse numa olimpíada eu aceitaria de boas lutar com uma pessoa trans. Eu acredito que é um espaço que eles devem lutar por isso. Porque realmente tem uma barreira. (Atleta 2)

Tá, a forma mais justa de competição, acredito que o próprio, o próprio mecanismo que se tem nas competições hoje né? Você tendo uma separação de peso e idade já tá de bom tamanho ali. Acredito que não precisaria fazer uma chave de trans e tal, acredito que tenha que ser englobado com os atletas mesmo. (Atleta 3)

Eu acho que o mais justo é você lutar na categoria que você se identifica, porque, por exemplo, eu sou um homem trans, pode dizer que eu tenho desvantagem pela minha formação óssea, não sei o que, não sei o que lá. Mas eu luto igual a qualquer uma outra pessoa, mesma coisa vai ser um cara cis que treina mais do que eu, vai ficar melhor, né? Então é tudo de igual, acho que não tem muita diferença não. Quando você começa a transição, a tomar os hormônios, começa a ficar mais parecido, mais igual as taxas. (Atleta trans)

Percebe-se nesse discurso a necessidade da presença dos atletas transgêneros nos tatames, pois muito mais que uma oportunidade de lutar, representa uma eficácia simbólica social que faz repensar a importância de reprodução desse sujeito na sociedade. Além disso, o esporte é considerado um aparelho social inclusivo, que promove a visibilidade dos esportistas e sujeitos que se desviam do padrão heteronormativo. Como dito anteriormente, existe uma preocupação e uma real necessidade que sejam realizados estudos para que se possa comprovar se,

após o processo de mudança, há uma permanência ou não de uma superioridade fisiológica do atleta trans, em especial, as mulheres trans. Sobre essa preocupação, o técnico 2 afirma:

[...] eu sou a favor que isso seja muito bem mensurado porque todo mundo treina muito pra competição, principalmente os níveis mais altos. Então eu acho que isso tem que ser bem cuidado, bem estruturado. É... ter todo um protocolo pra que todo mundo fique no mesmo padrão e não haver esse tipo de problema. Mas eu acho que é muito importante haver inclusão mesmo assim. (Técnico 2)

É evidente que a presença de pessoas transexuais em práticas esportivas, principalmente no âmbito de alto desempenho, é algo recente e crescente. Essa manifestação requer um olhar mais atento, especialmente das instituições que devem se preocupar com os atletas cis, logo, elas não podem excluir a participação desses corpos que fogem da normalidade. Corrobora com essa preocupação o discurso de Chella (2019):

É importante a realização de pesquisas bem formuladas que provem a existência de vantagens e desvantagens da participação de transexuais nas competições esportivas. A discussão poderia ser mais produtiva e ética por meio de embasamento científico, **o que também teria o objetivo de cessar os ataques e perseguições sofridos pelos críticos que se manifestam publicamente sobre o tema.** As questões a serem debatidas são estritamente fisiológicas, e a responsabilidade deve ser destinada aos órgãos regulamentadores dos esportes, que **devem estipular condições justas e com base científica** para competições esportivas. Os questionamentos em relação às decisões “**impulsivas**” desses órgãos são urgentes e necessários dada a situação atual: **faltam estudos que embasem as decisões e regras estipuladas para a participação de atletas transexuais em competições esportivas** (CHELLA, 2019, documento eletrônico). *Grifos não original.*

Dessa forma, é necessário investir nessas pesquisas, pois é inegável que, concomitantemente, em que se percebe o esporte como uma das instituições que mais se propaga a predominância do sexo biológico e manutenção do binarismo de gênero das sociedades modernas (GRIFFIN, 1998), nota-se a brevidade e precisão de romper as fronteiras de gênero, quanto à prática esportiva. Além disso, é preciso repensar essa participação, para que não se fique ligado, exclusivo e unicamente, a magnitude, a atuação e a performance atlética, no que diz respeito aos atletas trans.

Indo na contramão ao que foi debatido acima, alguns entrevistados levantaram a possibilidade de que os atletas deveriam competir não com o seu gênero social, mas com o seu sexo biológico. Vale ressaltar que todo esse questionamento gira em torno da hipótese de superioridade proveniente dos anos da presença de testosterona no corpo de mulheres trans. Esse pensamento se propaga entre muitos estudiosos, os quais são questionados sobre a possível vantagem das pessoas cis. A Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) vem alertando sobre uma possível vantagem das mulheres transexuais frente as cis gêneros, tendo em vista que a instituição acredita que o período de início da transição hormonal pode afetar em influências irreversíveis. (TESSAROLO, 2019).

Assim... eu sou assim tipo, o gênero né? Se você nasceu homem então se você futuramente se transformar em trans, em uma mulher, né, no caso a gente fala mulher trans é um homem no caso né? A minha opinião é que ele participe da competição como homem, entendeu? Por quê? Por causa da força de um homem que é diferente da força de uma mulher. Então eu acho que seria assim um pouco injusto de uma trans mulher participar na categoria feminina, entendeu? (Técnico 1)

No caso, com a mesma classe que ele se sente, é, no caso uma mulher trans competir com mulheres eu acho que não é correto por conta que, geneticamente falando, ela tem os mesmos aparatos físicos de um homem e a gente sabe que fisiologicamente falando, que o homem tem alguns aspectos atléticos mais favoráveis pra competição de alto nível do que as mulheres. Então eu acho desvantagem. (Atleta 1)

Ainda nessa perspectiva, Gooren e Bunck (2004) afirmam em sua pesquisa, *Transsexuals and competitive sports*, que uma mulher transexual começou o processo de transição hormonal aos 30 anos, possuiu 29 anos da sua vida com a fabricação hormonal superior à produção de uma mulher cis. Os estudiosos reiteram que esse processo acaba por influenciar no tamanho dos órgãos, coração, pulmões, parte óssea (GOOREN, BUNCK, 2004, tradução livre). Ou seja, componentes do aparelho locomotor e cardiopulmonar que poderiam beneficiar a esse atleta. Esse pesquisador não leva em consideração a presença atual da testosterona no corpo, haja vista que o COI possui uma política de controle desse hormônio em seus atletas, mas sim em como essa substância promove(eu) alterações irreversíveis a curto prazo.

O atleta 1, conforme relato adiante, levanta uma possibilidade de inserção de não apenas ignorar o gênero social do indivíduo. Em sua entrevista, o mesmo utiliza

os jogos adaptados para deficientes como parâmetro para os atletas trans. Para ele, assim como acontece com as pessoas com deficiências, seria mais justo que os atletas trans competissem contra atletas trans.

Trans competirem com trans do mesmo tipo, do mesmo padrão. Se eu sou homem trans, eu deveria competir contra outros homens trans, assim como é no parajiu jitsu, um para atleta ele não compete com uma pessoa. É... vamos supor, o cara que não tem uma perna no jiu jitsu hoje ele não compete com uma pessoa que tem as duas pernas, ele compete com uma pessoa que também não tem uma perna, ou que não tem um braço, então a minha opinião é que o transexual deve competir com outro transexual. Eu acredito que se um dia tiver de acontecer isso, as federações de qualquer esporte, vão abrir uma categoria específica para esse tipo de gênero. (Atleta 1)

Esse pensamento é problemático, pois compara a pessoa trans a uma pessoa que tem uma deficiência. Como se ser trans fosse uma doença e/ou algo que diminuísse ou o tornasse incapaz. Desde o ano de 2019, o transexualismo não é considerado mais transtorno mental, mas sim um processo de saúde sexual, tendo em vista que se enquadra na HA-61. Dessa forma, pessoas transexuais não são mais consideradas possuidoras de transtorno mental (R-64), e poderão fazer uso de terapia hormonal e procedimentos cirúrgicos, além de assistência psicológica para uma melhor condição de saúde. (BRASIL, 2018).

Sobre a possível preocupação em segregação ao dividir a competição entre pessoas trans e cis. O entrevistado continua o seu pensamento:

Eu acho que excluiria se a comunidade LGBT não tivesse orgulho de ser LGBT, entendeu? [...] Na verdade, eu acho que é justamente o contrário, eu acho que é inclusão, abrir uma categoria para uma, um gênero, querendo ou não novo, é novo, não tem como dizer que não é novo, um gênero novo, abrir uma categoria nas artes marciais pra que esse gênero possa competir com pessoas do seu mesmo gênero, eu acho que é um puta, puta gesto de inclusão social, tá ligado? Eu acho que... É, exclusão não. Eu acho que inclusão. Eu acho que essas pessoas deviam ficar felizes em ter a comunidade LGBT participando e tendo uma categoria em competições e tendo as federações nos esportes a considerando uma categoria de gênero, um gênero realmente existente e passível de competitividade assim como qualquer outro. (Atleta 1)

Ao separar os atletas por gênero social, ao invés de integrá-los, a proposta acaba privando a pessoa trans do sentimento de pertencimento. Todas as pessoas que não seguiram as normas empregadas pela cultura e a história são apontadas como seres desviantes, como é o caso das pessoas transexuais (LANZ, 2015). Segregar é uma ferramenta da nossa sociedade patriarcal brasileira, classificando essas pessoas como inferiores e marginais, separando-as das demais.

Esse sentimento que é muito mais importante que vencer ou ganhar medalhas. É a possibilidade de se firmar com o gênero com o qual se identifica, e demonstrar para comunidade desportiva que deve ser respeitado e assim poder continuar no esporte sem ter que escolher entre a transição e a prática. Vemos uma demonstração desse sentimento no relato do atleta trans que fala da importância de competir, mesmo que tenha perdido as lutas:

Todo mundo tem direito de fazer um esporte. Ainda mais uma coisa que você ama. Imagina: “Ou eu sou eu mesmo, me assumo como trans, ou eu luto”, não tem pra que fazer essa escolha, tem que lutar no gênero que a gente se identifica. (Atleta trans)

[...] No dia que eu resolvi lutar, que eu consegui, foi como se eu tivesse conseguido, só de eu ir mesmo, de ter me inscrito, e eu ter lutado no masculino, eu já estava feliz, eu não estava me importando com que as outras pessoas achavam. Eu só queria ir e estar lá. (Atleta trans)

O esporte deve ser um local de inclusão, de trocas e interações, não podendo ser uma regulação dos corpos, mais do que já é, e criar, mesmo que implicitamente, uma espécie de segregação de gênero, onde se percebe que o uso do preconceito como um inibidor de manifestações do corpo trans. (MIRANDA, 2018)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se colaborar para o debate sobre a presença das pessoas transexuais nos esportes, fazendo um recorte entre as modalidades esportivas existentes, e focando nas práticas de lutas de combate. O objetivo era encontrar pontos de vistas que contribuíssem para a construção de uma melhor compreensão sobre o assunto, por meio de entrevistas, e sistematizar as opiniões desses profissionais. Ao analisar os discursos, foram encontrados diferentes posicionamentos e alternativas propostas para a inserção de pessoas trans em competições oficiais.

O conhecimento acerca do senso comum dos praticantes de esportes de luta, em especial, sobre a presença dos corpos transexuais nessa modalidade, revelou uma visão inclusiva desses agentes quanto à presença do sujeito trans nessa prática. Por outro lado, alguns ainda demonstraram uma certa relutância quanto a esses mesmos atletas poderem participar das competições com o seu gênero social. Com base nos discursos dos participantes da pesquisa, chegou-se à conclusão que os técnicos demonstram serem solícitos com a ideia de se ter atletas trans em suas equipes, porém quanto à inserção dos mesmos em competições, a pesquisa identificou divergências. Enquanto um acredita que deveria ser por sexo biológico, o outro defende que deve ser por gênero social. Ambos compartilharam a preocupação hormonal e possível vantagem sobre os demais atletas.

Os atletas e participantes da pesquisa demonstraram serem abertos a competir contra outros atletas trans, porém não tiveram a oportunidade de realizar em competições oficiais, apenas em treinamento. Quanto à participação, apenas um demonstrou não ser conivente a inserção pelo sexo biológico e considerando que os atletas trans devem competir apenas contra atletas trans. Já o atleta trans defende a importância da prática pelo gênero social, e sua influência no processo de reafirmação no seu gênero.

Mesmo com todas as transformações sociais, tecnológicas e na propagação do conhecimento, no mundo atual, percebe-se que ainda há uma lacuna quanto à desinformação sobre gênero e sexualidade. Os espaços deixados por essa falta de informação corroboram por um preconceito “velado”, ou não, e acabam por afastar

peessoas que destoem dos padrões impostos pela sociedade cis patriarcal das práticas desportivas.

Cabe destacar a importância social do esporte e como o mesmo é uma ferramenta necessária e importante na construção e afirmação do indivíduo trans como o seu gênero. O esporte, ao mesmo tempo que influencia, é influenciado pela sociedade atual. Essa interação simbiótica possui em sua essência uma grande capacidade de inserir e socializar indivíduos das mais diferentes castas, gêneros, crenças, entre tantas outras diferenças presentes na nossa sociedade. Nesse ponto de vista, é evidenciada a relevância e necessidade de inserção cada vez maior de pessoas transexuais em suas práticas sociais, esportivas ou não.

Esse estudo presenciou uma dicotomização dos comentários sobre a inclusão em competições em duas categorias: biofisiológicas e socioculturais. Sendo que mesmo as pessoas que defendem a inserção através dos meios socioculturais, há uma relutância quanto ao tema sobre a genética e produção do hormônio testosterona, no caso de mulheres trans. Dessa forma, fica evidente a real necessidade de que os órgãos reguladores invistam em pesquisas científicas nesse âmbito, para que, através de dados, seja possível encontrar ferramentas e formas para que as pessoas trans possam participar de forma justa contra as pessoas cis, sem que suas vitórias sejam questionadas e invalidadas.

Atentou-se também que, nos últimos anos, houve um aumento tímido da discussão sobre o universo transexual no esporte. Mesmo sendo um tema sempre presente nas mesas acadêmicas, a construção ainda é lenta, demonstrando o fato de que ainda existe uma relutância quanto à abordagem de certas perspectivas, principalmente, pela escassa produção acadêmica.

Esta pesquisa foi pensada e executada em meio à ebulição de uma pandemia, fator este que dificultou em sua execução, tanto pela falta de sujeitos sociais, principalmente pessoas trans, quanto pelo tempo corrido proporcionado por esse período letivo suplementar. Sugere-se que pesquisas futuras possam ampliar o quantitativo de participantes a fim de ter um *corpus* de análise maior e mais representativo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARÁN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. **Transexualidade e Saúde Pública no Brasil**. Cienc. Saude Colet., v.14, n.4, p.1141-9, 2009.

BARBOZA, H. H. **Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais**. Revista Estudos Feministas, 2012.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BERTÉ, I. L. **Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)**. 2016. 119 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

BEZERRA, Daniel; et al. **HOMENS TRANSEXUAIS: INVISIBILIDADE SOCIAL E SAÚDE MENTAL**. Temas em Saúde. João pessoa, 2018.

BRASIL, Opas. **OMS divulga nova classificação internacional de Doenças (CID 11)**, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5702:oms-divulga-nova-classificacao-internacional-de-doencas-cid-11&Itemid=875. Acesso em: 10 de out. de 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. **Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000100191&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000100007>.

CAVANAGH, Sheila L.; SYKES, Heather. **Cuerpos transexuales en las Olimpiadas: las políticas del Comité Internacional Olímpico em relación com l@s atletas transexuales en los juegos de Verano**, Atenas 2004. Debate Feminista, v. 39, p. 40-74, abr. 2009.

CHELLA, Bianca. **Qual o problema de transexuais nos esportes femininos?** 2019. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/transexuais-nos-esportes-como-a-inclus%C3%A3o-prejudica-mulheres-e-o-esporte-feminino-a380329d0fb6>. Acesso em: 05 de nov. de 2020

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL [COI], **Social Development Through Sport**. (s.d)b. Disponível em: olympic.org/development-through-sport Acesso em: 15 jan, 2020.

DIAS, Daniel F. S.; **Transexualismo e endocrinologia**. Tese (mestrado em medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal. 2012

DIEGUEZ, Roberta Siqueira Mocaiber. **A mulher transexual no discurso contemporâneo: um estudo de caso**. Rio de Janeiro. Demetra. 2016

DOS ANJOS, L. A.; GOELLNER, S. V. **Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais**. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., et al (Ed.). Educação física e sexualidade: desafios educacionais. 1. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017. p.51-72. (Coleção Educação Física).

ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.) **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCHINI, E.; NUNES, A.V.; MORAES, J.M.; Del VECCHIO, F.B. **Physical fitness and anthropometrical profile of the Brazilian male judo team**. Journal of Physiological Anthropology, Tokyo, v.26, n.2, p.59-67, 2007.

FERNANDES, V., MOURÃO, L., GOELLNER, S. V., GRESPAN, C. L. **Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e mma**. Rev. Educ. Fís. /UEM, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. Trim. 2015.

FERREIRA, F. D. C.; LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. **Fontes para a história dos esportes de combate**. In: PIMENTA, T; DRIGO, A. J. (Orgs) Contribuição das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociologia. São Paulo: Oficina do Livro, 2016.

FERRETI, M. A. C., KNIJNIK, J. D. **Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadores universitários**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 01, janeiro/abril, 2007

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 de Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>.

FONTANELLA, B. F. B. et al. **Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, 2011.

FOUCAULT M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. I. 16. ed. Rio de Janeiro: Gral; 2005.

_____. **As Palavras e as coisas**. Lisboa: Portugal, 2008.

GIESTAS, A.; PALMA, I. Tratamento endócrino no transtorno de identidade de gênero. **Acta Obstet Ginecol Port.** v.6. n.4. pp:180-187, 2012

GOOREN, Louis; BUNCK, Mathijs. **Transsexuals and competitive sports**, **European Journal of Endocrinology**, Amsterdam, v. 151, n.4, p. 425-429, Out. 2004..

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. **FALLON FOX: UM CORPO QUEER NO OCTÓGONO**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 1265-1282, jun. 2014. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/46216>>. Acesso em: 05 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.46216>.

GRIFFIN, P. **The culture of the closet: identity-management strategies of lesbian college coaches and athletes**. In: GRIFFIN, P. Strong women, deep closets: lesbian and homophobia in Sports. Champaign: Human Kinetics, 1998.

HARPER, J. **Do transgender athletes have an edge? I sure don't**. Washington Post, 2015. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/do-transgender-athletes-have-an-edge-i-sure-dont/2015/04/01/ccacb1da-c68e-11e4-b2a1-bed1aaea2816_story.html. Acesso em 13 fev. 2020.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1993.

MIRANDA, Davi. **A Cidade dos Invisíveis :a Transfobia como um Instrumento de Segregação Social e Urbana**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 9, n. 2, p. 331-347, 2018. ISSN 2177-2886.

OLIVEIRA, Ariela B. A; et all. **A INCLUSÃO SOCIAL E EDUCACIONAL DE MULHERES NAS ARTES MARCIAIS**. Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia, v. 9 Amazonas. 2018.

POLIAKOFF, M.B. **Combat sports in the Ancient World: competition, violence, and culture**. London: Yale University Press, 1987

PICANÇO, A. A. **Uso de medicamentos no processo transexualizador: um estudo explorativo sobre vídeos compartilhados no site Youtube**. 2018. 65f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Farmácia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

REID, H. & CROUCHER, M. **O Caminho do Guerreiro: o paradoxo das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 2003.

DA ROCHA, Deizi Domingues; ZAGONEL, Adriana; BONORINO, Sabrina Lencina. **Fatores de aderência e permanência de mulheres nas lutas em Chapecó -**

SC. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 2, p. 29-37, ago. 2018. ISSN 2318-5090. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/19319/13611>>. Acesso em: 05 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n2.p29>.

ROCON, Pablo Cardozo *et al.* **(Trans)formações corporais: reflexões sobre saúde e beleza**. Saude soc., São Paulo, v. 26, n. 2, p. 521-532, June 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902017000200521&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902017171907>.

Ruiz, R.D; Swanson , P; Romanos ,G. **Systematic Review of the Long-Term Effects of Transgender Hormone Therapy on Bone Markers and Bone Mineral Density and Their Potential Effects in Implant Therapy**. J. Clin. Med. 2019

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar**. In: IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade / III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar / V Shoto Workshop, 4, 2009, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2009. CD ROM.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate: uma questão de terminologia**. Revista Digital. Buenos Aires, 2011. <http://www.efdeportes.com/>

SANTOS, Thais Felipe Silva dos; MARTINELLI, Maria Lúcia. **A sociabilidade das pessoas travestis e transexuais na perícia social**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 134, p. 142-160, Apr. 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282019000100142&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.170>.

SANTOS, Ana C. (2003). **Orientação sexual em Portugal: para uma emancipação**. In: Boaventura de Souza Santos (Orgs.), **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. (pp. 335-379). Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras.

SERRANO, JL; Caminha IO; Gomes IS. **Transexualidade e educação física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde**. Movimento. São Paulo. 2017

SERRANO, JL; at all. **Mulheres trans e atividade física: fabricando o corpo feminino**. Interface. Botucatu. 2019

SILVA, Maria E. **A DIVISÃO NO ESPORTE DEVE SER SEPARADA POR SEXO OU GÊNERO**. Redoc. Rio de janeiro. 2019

TESSAROLO, Gabriel Ricobello. **As controvérsias da inclusão de transgêneros no esporte**. 2019. 16 f. Artigo para obtenção de título de Bacharel em Direito, Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2019.

THOMAZINI, S.; MORAES, C.; ALMEIDA, F. **Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de MixedMartialArts (MMA)**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11, n. 3, 2008.

TRAVERS, A; DERRI, J. **Transgender inclusion and the changing face of lesbian softball leagues**. In: *International Review for the Sociology of Sport*. Sage Publications: Thousand Oaks, v. 46, n° 4, 2010.

TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. **A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179 – 204, 2004.

Vartabedian, J. **Cuerpos (trans)formados: acerca de las identidades de Género y la produccion de la feminidad**. *Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder*, 8. Florianópolis, (2008). SC.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre as justificativas para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas e está sendo desenvolvida pelo(s) pesquisador(es) Johandeson Neves Gonçalo aluno, do Curso de Graduação em Educação Física UFPB, sob a orientação do(a) Professor Doutor Iraquitan de Oliveira Caminha.

O objetivo do estudo é compreender os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte (técnicos esportivos, atletas transexuais e atletas cisgênero) para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas.

A finalidade deste trabalho é ampliar as discussões sobre a inclusão das pessoas transexuais em competições esportivas em esportes de lutas, através de estudos realizados cientificamente com diferentes atores sociais que fazem parte do mundo esportivo, buscando assim, apontar caminhos para possíveis mudanças nas diretrizes que regem a participação das pessoas transexuais em competições esportivas, pautadas em uma maior equidade considerando aspectos biológicos e socioculturais, trazendo assim, benefícios para todos os atores sociais envolvidos no esporte.

Solicitamos a sua colaboração para responder a uma entrevista do tipo semiestruturada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, mas, caso haja algum constrangimento em responder a alguma das perguntas da entrevista, ela se finaliza no mesmo momento.

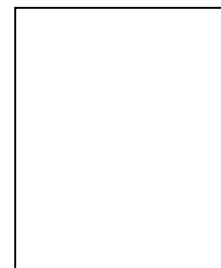
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para
impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Iraquitan de Oliveira Caminha.

Endereço (Setor de Trabalho): Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB. Universidade Federal da Paraíba, Campus I- Cidade Universitária. 1º andar- CEP 58051-900 – João Pessoa/PB.

Telefone: (83)999867923

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: **comitedeetica@ccs.ufpb.br**

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ATLETAS TRANSEXUAIS

1- Você já participou de competições esportivas de acordo com a sua identidade de gênero? Como foi a sua experiência nessas competições?

2- Você enquanto mulher/homem trans já teve que participar de competições esportivas de acordo com o sexo biológico? Como foi a sua experiência nessas competições?

3- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais (de maneira geral) em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

4- Na sua opinião, existe uma forma mais “justa” de competição?

APÊNDICE C- ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ATLETAS CISGÊNERO

1- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

2- Você gostaria de ter um(a) atleta transexual na sua equipe?

3- Você se importaria em competir contra uma pessoa transexual?

4- Na sua opinião, qual a forma mais “justa” de competição?

APÊNDICE D- ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA TÉCNICOS ESPORTIVOS

1- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

2- Na sua opinião, qual a forma mais “justa” de competição?

3- Você gostaria de ter um(a) atleta transexual em sua equipe? / Você aceitaria ser técnico de um(a) atleta transexual? (Pergunta destinada apenas aos técnicos que nunca atuaram com atletas transexuais).

ANEXO A - CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASPECTOS BIOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS: UMA ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS PARA (DES)LEGITIMAÇÃO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Pesquisador: Iraquitan de Oliveira Caminha

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29725620.0.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.935.146

Apresentação do Projeto:

O projeto está estruturado:

ASPECTOS BIOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS: UMA ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS PARA (DES)LEGITIMAÇÃO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Objetivo da Pesquisa:

Compreender os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os autores:

A presente pesquisa não prevê nenhum risco aos seus participantes, mas aponta que pode haver algum constrangimento que pode ser ocasionado por alguma pergunta da entrevista, caso isso aconteça, o entrevistado pode parar a entrevista a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

BENEFÍCIOS

Os benefícios com a realização dessa pesquisa poderão ser identificados a longo prazo, já que com o resultado dela se propõe ampliar as discussões sobre a inclusão das pessoas transexuais em competições esportivas, através de estudos realizados cientificamente com diferentes atores

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@cca.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.936.145

sociais que fazem parte do mundo esportivo, buscando assim, apontar caminhos dentro das competições com mais equidade considerando aspectos biológicos e socioculturais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está estruturado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1520359.pdf	06/03/2020 11:03:08		Aceito
Outros	CERTIDÃO.pdf	06/03/2020 11:01:21	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.pdf	06/03/2020 10:56:07	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	06/03/2020 10:54:35	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Orçamento	Orçamento.docx	06/03/2020 10:54:12	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/03/2020 10:48:11	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	06/03/2020	Iraquitan de	Aceito

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitadeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.936.146

Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	08:15:38	Oliveira Caminha	Aceito
----------------	------------------	----------	------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 26 de Março de 2020

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br